

---

# Análise de uma polêmica: Charge de Carlos Latuff sobre a ROTA comando

Andressa Pinheiro Franco

Rafael José Nogueira

Graduandos em História pela Univille.

E-mail: [marcelomelo.historia@yahoo.com.br](mailto:marcelomelo.historia@yahoo.com.br)

**ANÁLISE DE UMA POLÊMICA: CHARGE DE CARLOS LATUFF SOBRE A ROTA COMANDO.****ANALYSIS OF A CONTROVERSY: CHARGE OF CARLOS LATUFF ABOUT THE ROUTE COMMAND.**

Andressa Pinheiro Franco

Rafael José Nogueira

**RESUMO**

O presente texto procura analisar uma charge produzida pelo cartunista Carlos Latuff no ano de 2013 e que no ano de 2016 foi usada (a) em um projeto realizado numa escola paulista e causou polêmica em torno da imagem que tem uma crítica muito grande em relação à atuação da polícia brasileira, no caso representado pela ROTA (Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar), uma das polícias com mais casos envolvendo morte de suspeitos nos chamados “autos de resistência”. No entanto, foi percebido que a imagem não sofreu uma análise mais rigorosa no projeto desempenhado pela escola, então se faz necessário possibilitar na utilização de charges como forma de trabalho apontar métodos de análise que provoquem uma reflexão intensa entre sociedade e iconografia, e que apontem alternativas para o uso pedagógico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escola; polícia; projeto.

**ABSTRACT**

This text seeks to analyze a charge produced by the cartoonist Carlos Latuff in the year 2013 and that this year was used in a project carried out in a paulista and caused controversy around the image that has a critique too large in relation to the performance of the Brazilian police in the case represented by the route (Rondas Ostensive Tobias de Aguiar), one of the policemen with more cases involving death of suspects in the so-called "acts of resistance". However, it was realized that the image was not a stricter analysis in the project played by the school, then it is necessary to allow the use of cartoons as a form of work pointing methods that cause an intense discussion between society and iconography, and to suggest alternatives for the use pedagogical.

**KEY-WORDS:** School; Police; Project.

## O QUE É A CHARGE

O termo charge é proveniente do francês “charger” (carregar, exagerar). Sendo fundamentalmente uma espécie de crônica humorística, a charge tem o caráter de crítica, provocando o hilário, cujo efeito é conseguido por meio do exagero. Ela se caracteriza por ser um texto visual humorístico e opinativo, que critica um personagem ou fato específico. A charge é um tipo de cartum “cujo objetivo é a crítica humorística de um fato ou acontecimento específico, em geral de natureza política”. (RABAÇA e BARBOSA, 1978, p. 89). A charge também busca fazer um recorte no tempo e coloca alguma questão, que considera merecer algum tipo de crítica ou que fique gravado em algum tempo histórico. A questão fundadora da charge “é composição das imagens com elementos espaço temporais que apontem para um determinado acontecimento ou uma característica sócio temporal (que denuncie um *Zeitgeist*) (LIEBEL, 2010, p.2). O humor e a violência são outros dois elementos essenciais na linguagem da charge. Entretanto a charge conter esses elementos não é regra, existem algumas charges que não usam esses elementos, no entanto esses subsídios predominam. O humor e a violência, quando empregados na charge, são apontadores de traços importantes da sociedade ou de algum grupo, assim: “promovendo revelações acerca do *habitus* em questão bem como da estrutura mental, da *Weltanschauung*<sup>1</sup> e do imaginário.

## APRESENTAÇÃO DA CHARGE

Agora que temos o aporte teórico sobre o que é uma charge, podemos partir para a apresentação da imagem de Carlos Latuff, desenhada e publicada no ano de 2013, por conta de uma homenagem oferecida a ROTA (Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar) pela câmara dos deputados de São Paulo. O artista, com uma opinião contrária a essa homenagem, usou do recurso da charge para expressar seu posicionamento. Ironicamente, em 2013, ano da publicação, não houve tanta polêmica. Apenas dois anos depois, no ano de 2015, com o desenvolvimento de um projeto em uma escola por professores de História, Filosofia e Sociologia em Sorocaba no estado de São Paulo é que a charge repercutiu.

<sup>1</sup> *Weltanschauung* **cosmovisão** ou **mundividência** é a orientação cognitiva fundamental de um indivíduo ou de toda uma sociedade. Essa orientação abrange sua filosofia natural, seus valores fundamentais, existenciais, normativos, seus postulados ou temas, suas emoções e sua ética. Outro sentido do termo é o de uma imagem do mundo imposta ao povo de uma nação ou comunidade, isto é, uma ideologia. O termo é um calco linguístico da palavra de origem alemã que significa literalmente “visão de mundo” ou “cosmovisão”.

O projeto consistia em avaliar a violência policial e como ela influenciava na vida do cidadão. Segundo a escola, foram confeccionados vários *banners* pelos alunos discutindo a questão por vários pontos de vista, porém ao que parece apenas um desses banners foi fotografado e disseminado nas redes sociais e usado como o resumo deste trabalho e é exatamente neste *banner* que está a charge de Carlos Latuff: um personagem em forma de caveira com o uniforme da ROTA, além da caixa do que seria a sua homenagem e dentro dela o homem algemado, negro e descalço caído morto sobre seu próprio sangue e ainda na parte de dentro da caixa uma mensagem irônica que na verdade é uma crítica a ROTA e ao estado brasileiro por conceder uma homenagem a uma instituição violenta na perspectiva de Latuff. Nos parece que focar só nesse *banner* da escola foi uma ação equivocada, que fez um pré-julgamento do trabalho, sem o conhecer a fundo.

A Polícia militar, em nota de repúdio, declarou:

[...] Não queremos acreditar que, em pleno século XXI, profissionais da área de ensino posicionem-se de maneira discriminatória, propagando e incutindo o discurso de ódio em desfavor de profissionais da segurança, estimulando seus alunos a agirem sem embasamento e direcionando-os de acordo com ideologias anacrônicas, que em nada contribuem para a melhoria da sociedade. [...] (POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO, Esclarecimento e Repúdio, 2015, grifo nosso).

Um dos professores envolvidos, por outro lado, afirmou que o objetivo central era refletir a partir do estudo do livro “Vigiar e Punir” do filósofo Michel Foucault e não criminalizar ou ofender o trabalho da polícia e argumentou que o resultado foi positivo já que os alunos se manifestaram em defesa do trabalho: “Significa que eu sou um bom professor e consegui cumprir o meu objetivo, que foi dar o conteúdo. Eles sabiam do que se tratava e não foram revolucionários de *Facebook*. ” (DIÁRIO DE SOROCABA, “Carlos Latuff vem à Cidade para ato em favor da liberdade de expressão”, 29 de Setembro de 2016) Na visão do educador, a falta de conhecimento sobre a obra levou a polícia a julgamentos precipitados.

O artista Carlos Latuff foi até a escola prestar apoio a um dos professores e também deu sua avaliação sobre a questão:

Vendo o meu trabalho sendo utilizado dentro desse contexto estudantil, me dá alegria, uma satisfação muito grande, porque a charge tem um papel editorial, ilustrar uma matéria, o jornal. Quando ela é utilizada por estudantes ou por professores, ela tem um papel vivo, torna-se uma imagem viva, então, a questão é: se a polícia está incomodada com essa imagem, é porque alguma coisa nessa imagem está certa. “Porque, se é só uma charge, só um desenho, não precisava se importar”, afirma o cartunista. (DIÁRIO DE SOROCABA, “Carlos Latuff vem à Cidade para ato em favor da liberdade de expressão”, 29 de Setembro de 2016).

Latuff também se mostrou preocupado com o mal-estar gerado pela repercussão negativa do seu trabalho como foi o caso da escola em questão na cidade de Sorocaba ao fazer um trabalho que continha a violência policial e não concorda com a intervenção da polícia no ensino:

A gente não pode baixar a cabeça, não pode ter temas que a gente não pode abordar. Eu acho que isso aqui é, acima de tudo, um ato de defesa do professor, dos alunos, dessa escola, mas também de um princípio; o princípio dos direitos humanos, o princípio da liberdade de expressão. Não é a polícia que vai dizer o que o professor deve ou não deve ensinar, ou questionar o conteúdo do ensino. Pelo amor de Deus, não tem condições um negócio desses! ” (DIÁRIO DE SOROCABA, “Carlos Latuff vem à Cidade para ato em favor da liberdade de expressão”, 29 de Setembro de 2016).

De qualquer forma acreditamos que a imagem teria que sofrer uma leitura e análise mais apuradas, que é a nossa proposta, colocando à disposição dos professores possibilidade pedagógicas e de análise. Por isso nos propomos a analisar de forma mais aprofundada a charge e os seus significados de modo que contribua positivamente para a continuação do debate e também que proporcione novas possibilidades para futuras análises e trabalhos. Abaixo a foto do *banner* causador da polêmica: Abaixo a foto do banner causador da polêmica:

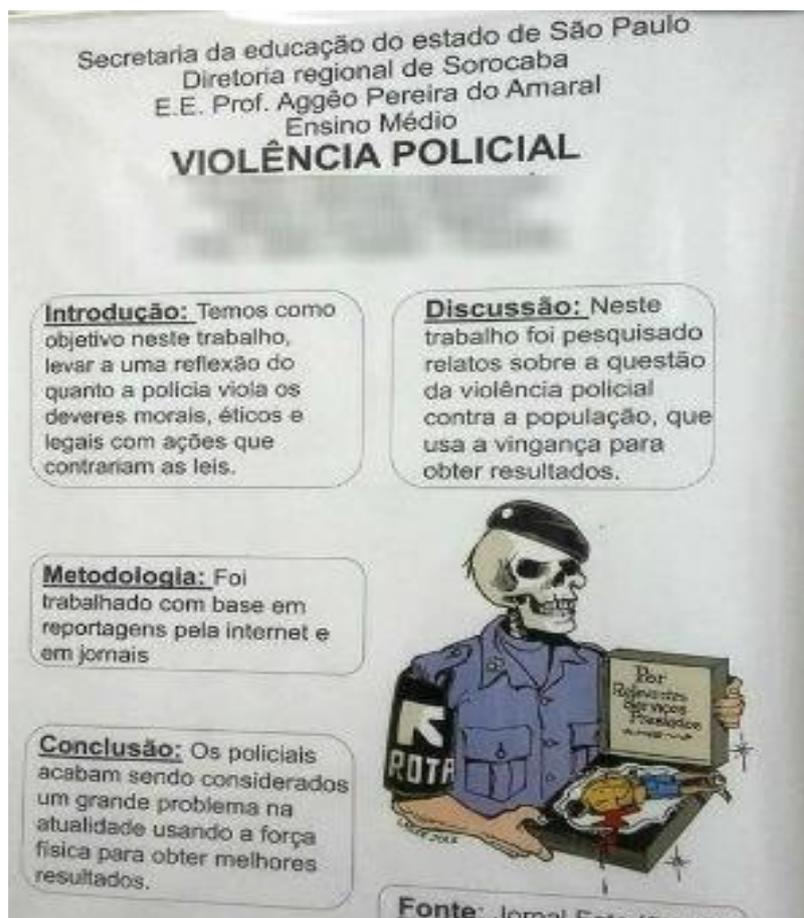


IMAGEM A: Charge criada por Carlos Latuff e usada no projeto da escola em Sorocaba Fonte: Página da Globo, o G1, publicada em 17 de setembro de 2015.)

A FONTE

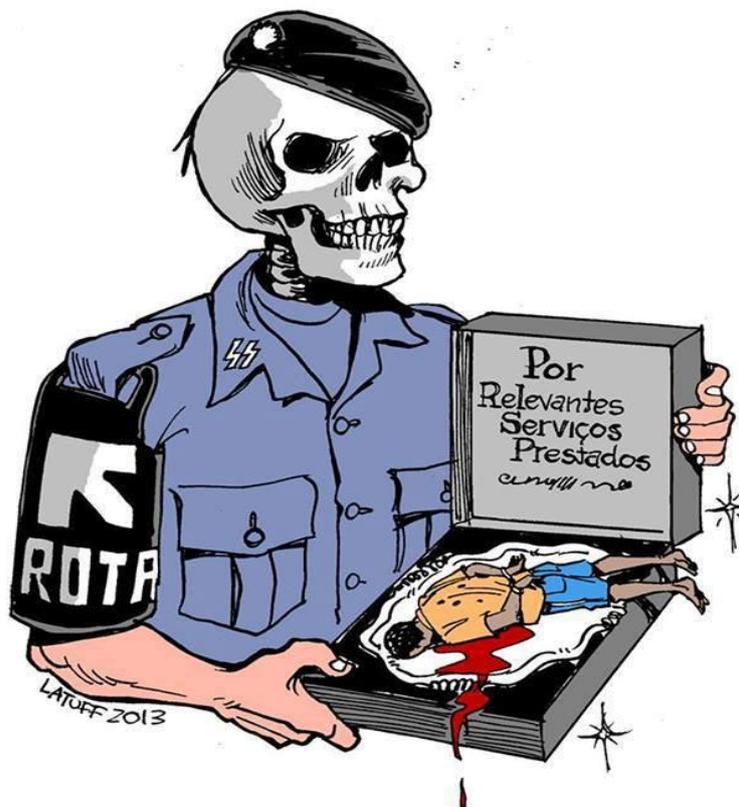


Imagem B: Charge criada por Carlos Latuff e usada no projeto da escola em Sorocaba. Fonte: Perfil no Facebook de Carlos Latuff, publicada em 4 de junho de 2013 Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=246060308865927&set=a.167836366688322.37004.100003858796537&type=1&theater> ).

**METODOLOGIA DE ANÁLISE**

Faremos uso do método documentário por poder proporcionar uma visão mais aprofundada da imagem, trazendo à luz indícios que muitas vezes passam despercebidos ao nosso olhar, e que muitas vezes são deixados para trás não possibilitando um olhar mais amplo da constituição da charge e, sobretudo as representações ali contidas. Segundo Liebel, “Bohnsack sugere que o caminho tomado seja baseado nas análises iconográfica e iconológica, de Panofsky, e icônica, de Im Dahl. O objetivo é alcançar uma compreensão ampla do maior número possível de níveis técnicos imagéticos que compõem a fonte.” (LIEBEL, 2010, p. 4). A metodologia se divide assim em quatro passos: a análise pré-iconográfica e iconográfica que forma a interpretação

formulada, e depois as avaliações iconológica e icônica que formam a interpretação refletida. É importante lembrar a afirmação de Bohnsack: “A interpretação de imagens obteve até o momento uma importância meramente marginal no âmbito dos Métodos Qualitativos nas Ciências Sociais.” (BONHSACK, 2007, p. 1). Diante disso vamos nos valer do método documentário para analisar a imagem em questão e fornecer hipóteses para os envolvidos na polêmica charge.

### **ANÁLISE PRÉ-ICONOGRÁFICA**

Nessa primeira fase é uma descrição completa da imagem, ou seja, os dados primeiros que a imagem traz com si, “[...] aquilo que pode ser reconhecido na composição geral apenas através das nossas experiências cotidianas. Nessa fase da interpretação o pesquisador irá descrever as linhas e cores, bem como os elementos representados em suas “formas naturais”, como os animais, as pessoas, o cenário e as emoções dos representados.” Dito de outra forma é uma primeira análise mais diagnóstica do cenário que a imagem traz junto, o que não anula a necessidade do pesquisador de descrever de forma detalhada todos os aspectos na imagem

### **ANÁLISE ICONOGRÁFICA**

Depois dessa primeira fase devemos analisar os elementos iconográficos na imagem. Aqui se interpreta as ações e os gestos contidas na imagem e logo buscando encontrar um sentido para esses elementos. Segundo Vinicius Liebel “[...] Panofsky diferencia o reconhecimento prático dos níveis pré-iconográfico e iconográfico através do exemplo de um cumprimento com chapéu. O gesto seria descrito em uma análise pré-iconográfica como a “retirada do chapéu da cabeça”, enquanto no nível iconográfico tal ação é tomada como uma “saudação”, um cumprimento (LIEBEL, 2010).”. Nesta etapa o objetivo é apresentar o sentido mais visível e geral que a imagem contém. Para isso buscam-se na totalidade dos elementos pré-iconográficos os temas e as alegorias.

## ANÁLISE ICONOLÓGICA

Depois dessa primeira parte denominada interpretação formulada o passo seguinte é a análise iconológica que é a “interpretação da imagem através do estudo de sua singularidade como fonte histórica e social. Esse passo compreenderá a caracterização de elementos determinantes no reconhecimento de elementos coletivos, como um país, uma época ou uma classe, bem como de religiões, ideologias e filosofias (PANOFSKY apud LIEBEL, 2006, p. 39). ” Nesse sentido a análise aponta para a visão de mundo e o *habitus* do grupo em questão ou do meio social abordado. Em suma, para isso temos que buscar como se opera o pensamento e as ações dos produtores da imagem.

## ANÁLISE ICÔNICA

Por fim e para completar a interpretação refletida iniciada na etapa anterior, temos a interpretação icônica oriunda do historiador da arte Max Imdahl o foco agora é como a imagem é construída por isso aqui Imdahl diz que é importante o papel desempenhado pelas cores, linhas, luzes e demais características na hora de interpretar a imagem. O pesquisador Vinicius Liebel nos fala que: “A busca pela questão do “como” no método icônico é dirigida especificamente à natureza da imagem, ou seja, aos elementos técnicos que sustentaram a sua produção. (LIEBEL, 2010, p.5). E complementa do dizer que: “a proposta icônica de Imdahl se refere, assim, ao estudo da imagem pela imagem, ou seja, de sua constituição formal. No caso das charges alguns destes elementos, como espacialidade e proporcionalidade, podem ser bastante comprometidos pela natureza muitas vezes disforme e irregular da imagem. Entretanto outros elementos, como a planimetria, podem resultar em dados diferenciados para interpretação e que lancem luz a questões para as quais ainda não se havia atentado.” (LIEBEL, 2010, p.5). ”

## APLICAÇÃO DO MÉTODO DOCUMENTÁRIO NA CHARGE

Feito a apresentação inicial da imagem, vamos à aplicação da metodologia em si na charge em questão.

## INTERPRETAÇÃO FORMULADA

## ANÁLISE PRÉ-ICONOGRÁFICA

Na imagem vemos um policial, numa posição de quem está pousando para uma foto, com a mão direita ele segura uma espécie de caixa que contem dentro a sua “homenagem” e com a mão esquerda ele segura a tampa da caixa, ficando assim visível o conteúdo da mesma. No interior da caixa temos um fundo preto com um círculo mais claro com um pouco de sangue e um indivíduo algemado com as mãos para trás deitado com a face para esse sangue. Esse indivíduo usa bermuda azul e uma camisa que aparenta ser da cor amarela, é negro e está descalço. Na tampa da caixa que está levantada bem no meio tem uma frase: “Por relevantes serviços prestados”. Perto do interior da caixa e da tampa há dois traços que indicam serem disparos de alguma arma de fogo. Eles lembram um formato de cruz. Quanto ao policial, como já foi dito, ele está numa posição de lado como alguém que está pousando para uma foto, ele usa uma camisa típica do uniforme da Polícia militar de São Paulo com botões, golas e bolsos no peito e no braço direito uma faixa preta escrita ROTA em letras brancas como uma flecha apontando para o lado noroeste. Na gola direita temos a sigla SS. Os braços são brancos. Temos uma caveira no lugar do rosto de um suposto policial, essa caveira apresenta um sorriso e ela usa uma boina preta. Abaixo da cabeça temos a coluna vertebral e uma camisa azul por debaixo da camisa do uniforme.

## ANÁLISE ICONOGRÁFICA

Como se pode ver abaixo do braço do personagem temos a assinatura de Latuff e o ano em que foi produzida a charge 2013, que como sabemos ficou marcada pelas manifestações de junho que se alastraram pelo país e um dos principais pontos desse movimento foi exatamente a repressão policial, e, sobretudo essa charge que é uma crítica a uma homenagem feita pela câmara dos deputados de São Paulo a ROTA, por isso vemos que essa relação sendo intencional ou não feita pelo cartunista é um aspecto a ser analisado e somente entendendo o contexto é que podemos pinçar essa relação escondida num primeiro momento.

Outro ponto a se analisar é o personagem retratado. É um policial com um uniforme da ROTA, no entanto esse policial é uma caveira, aqui podemos pensar em três questões: a primeira da associação da caveira com a morte, reforçado pelo sorriso do personagem. A segunda questão é figura da caveira como uma imagem aterrorizante, podemos entender que a PM representada pela

ROTA é a imagem do medo. E o terceiro ponto é a desumanização que é feito com o policial ao longo da sua carreira, ele é condicionado a pensar que vive uma guerra e que todos são suspeitos e que a execução é justificável, com o tempo ela torna-se uma “caveira”, no jogo feito pelo artista em outras palavras, um monstro. Em relação ao uniforme na gola do personagem temos a sigla SS, uma força paramilitar criada para dar apoio ao regime nazista, além de ter comandado vários campos de concentração e ter cometido inúmeros crimes contra a humanidade.

Então percebemos que o cartunista faz uma analogia com a ROTA sendo que a mesma dá apoio ao estado brasileiro que oprime e a SS como foi dito apoiava o estado nazista. Também ao analisarmos essa sigla podemos pensar num julgamento na direção que coloca a PM contra os direitos humanos de modo que ela só atua com o objetivo de exterminar. O simbolismo vai na direção de uma Polícia que é a imagem do medo e que dá suporte ao estado opressor, representada na caixa com a premiação em que o personagem o “policial” recebe tendo dentro dela um cidadão na cena aparentemente negro e pobre, algemado mostrando sua submissão à violência policial e também morto, descalço de modo que ele está caído com o rosto para o próprio sangue dando a entender pela situação elucidada, que ele foi algemado sendo executado sem a menor chance de defesa, pelo fato de ser negro e pobre e claro, estar impossibilitado da chance de defesa, por estar algemado.

As cores da roupa do personagem morto – amarela e azul – podem ser entendidos como um sarcasmo com as cores da bandeira brasileira e o uniforme da seleção brasileira de futebol, que há muito tempo vem sendo usada da seguinte forma: camisas amarelas e calções azuis. Joga-se com o simbolismo do jovem que é o futuro da nação - metaforizada nas cores da sua bandeira - morto, sem chance de alcançar esse amanhã.

Quanto ao fato de estar descalço e ser negro vemos uma referência histórica ao sistema escravocrata que não permitia que os escravos usassem qualquer tipo de calçado, pois era isso que evidenciava a condição de cativo frente aos homens livres. O personagem negro descalço já abordado traz uma representação histórica interessante: o calçado como diferenciador social. Como diz Alencastro o escravo: “[...] podia ter meios para vestir calças bem-postas, paletó de veludo, portar relógio de algibeira, anel com pedra, chapéu-coco e até fumar charuto em vez de cachimbo. Mas tinha de andar descalço. Nem com tamancos, nem com sandálias. De pé no chão. Para deixar bem exposto o estigma indissfarçável de seu estatuto de escravo” (ALENCASTRO, 1997, p. 79).

Na imagem essa referência histórica é usada nesse sentido social como algo significante na imagem. Em outras palavras um jovem negro sem calçado morto numa posição de submissão como um escravo em nosso país e para finalizar o cartunista ainda usa como recurso a ironia ao lermos a frase na caixa: “Por relevantes serviços prestados”. A ironia vai na direção de que o agente estatal em questão está sendo homenageado por ter matado vários cidadãos pobres e negros de forma discriminatória, ou seja, prestou relevantes serviços a sociedade.

## INTERPRETAÇÃO REFLETIDA

### COMPOSIÇÃO FORMAL

Bohnsack ao apresentar o método argumenta baseado em Imdahl que existem três dimensões da análise da composição formal da imagem: [...] - a estrutura planimétrica total (*planimetrische Ganzheitsstruktur*), - a coreografia cênica (*szenische Choreographie*), - a projeção perspectivista (*perspektivische Projektion*). [...] (BOHNSACK, 2007, p. 299). A composição planimétrica versa sobre as linhas horizontais e verticais e também questiona de que forma geométrica os atores estão colocados na imagem (fotografias e charges). Já a coreografia cênica trabalha com o ambiente em que ocorre a cena social no caso aqui analisado a charge e suas interpretações. Por fim temos a projeção perspectivista que vai ao encontro do espaço e do corpo dos objetos na imagem e no mundo externo. Isto é, a perspectiva do autor da imagem e suas visões de mundo mediante a configuração dos objetos na cena da imagem.

O destaque da imagem recai para o personagem-policial e o conteúdo da homenagem que ele recebe (Imagem D). O produtor da imagem colocou o personagem policial ocupando toda a planimetria da imagem e o jovem negro morto que é o conteúdo da homenagem que ele recebe aparece num plano menor e em diagonal, com o rosto virado para o cimento com sangue. Aliás, a caixa é colocada na linha diagonal para destacar o que tem dentro da caixa do homenageado (Imagem D).

O ambiente da imagem tem um fundo branco. O autor frisa o espaço da caixa onde está à homenagem do personagem com um fundo preto na tampa e em volta do outro personagem que é a vítima do policial, dentro desse fundo preto que cerca o personagem o artista coloca um círculo cinza que lembra um chão que recebeu concreto, muito comum nas favelas brasileiras. (Imagem C).

A perspectiva do produtor da imagem vai na direção de destacar o jovem morto como

conteúdo da homenagem na posição diagonal e colocar também o personagem-policial ocupando toda a imagem numa postura formal de quem recebe um prêmio e que está orgulhoso disso (Imagem D). O logo da corporação também é destacado, quando é apresentado no braço direito do policial e por isso sem ficar tampado pela caixa fica nítido ao leitor da imagem e assim mostrando a força da ROTA perante o poder público e a própria sociedade. Por último cabe elucidar a perspectiva da vítima no caso o jovem negro numa posição submissa, morto e algemado, passando a visão da violência policial nas periferias e o ciclo nessas áreas com esse grupo de jovens. (Imagem C).

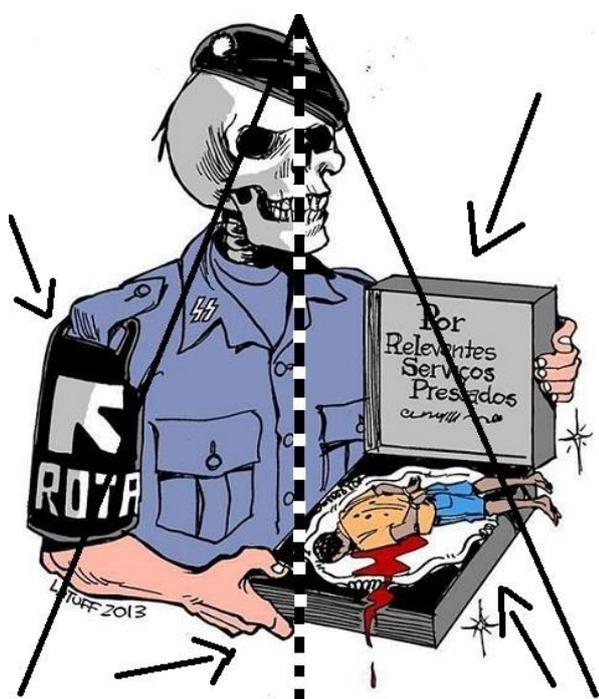


Imagem C

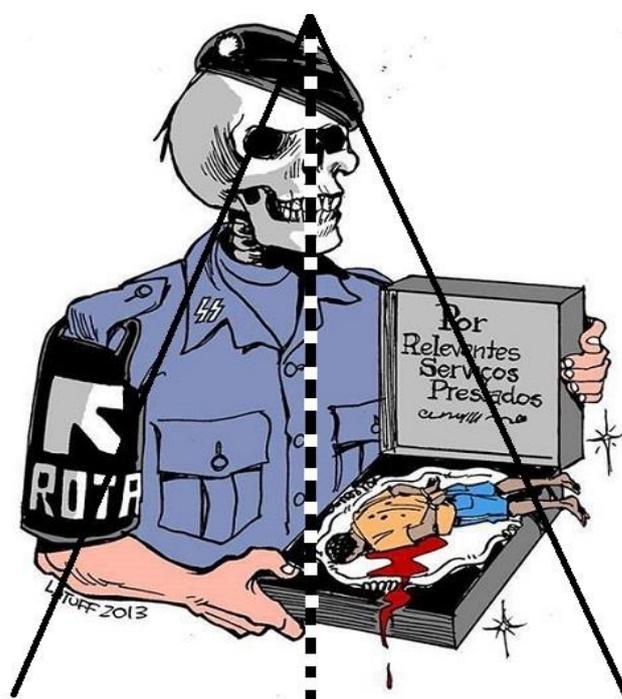


Imagem D

### ANÁLISE ICONOLÓGICO-ICÔNICA

Na charge acima feita pelo cartunista Carlos Latuff no ano de 2013, é interessante analisar alguns pontos. O primeiro deles é que ela é feita pelo cartunista Carlos Latuff que sempre denunciou em suas charges a violência policial, além disso, devemos buscar o contexto em que foi feita. O *Habitus* do produtor da imagem é oriundo dos movimentos sociais e de uma classe artística engajada com as questões sociais. Nesse sentido é importante entender de onde fala Latuff o produtor da imagem. O cartunista quer mostrar como a PM tem como ideologia a eliminação de indivíduos de forma indiscriminada. A posição do policial na

imagem é sintomática para entendermos a mensagem de Latuff o produtor e o destaque da imagem é a caveira como símbolo do medo e da morte. Além da já comentada sigla SS.

Ficou claro que a intenção de associar o policial com o nazismo e a violência e o horror. Pode-se pensar ainda em uma associação com o terrorismo de Estado, um agente do estado que provoca terror nos cidadãos. O Policial se utilizaria da violência e do abuso de autoridade para fazer uma “higiene social”, isso é colocado pelo cartunista como um *habitus* do policial no seu cotidiano, só que esse *habitus* prejudica a camada pobre e negra da sociedade. Fabiano Augusto Martins Silva ao estudar a malandragem frente ao contato com a polícia e suas nuances nos diz que:

A prova mais pujante do estado de suspeição do negro, do favelado, no entanto, está na consagração da prisão para averiguações, quando então os estereótipos manipulam eficientemente o *status libertatis*. Prescinde-se da existência de um fato concreto, tudo para que o suspeito seja levado a prestar explicações, seja dissecado em sua intimidade, seja averiguado do ponto de vista moral. Permite-se dizer, pois, que o racismo é uma grande prisão para averiguações. (SILVA, 2010, p. 146).

Possivelmente podemos pensar que muitos jovens negros são detidos ou presos para “averiguação” e acaba tendo o mesmo destino do jovem retratado na imagem. Nesse sentido Silva argumenta que essas abordagens abusivas são negativas já que:

O fato de ser uma condenação à morte, em especial, revela que os métodos de abordagem policial têm, ainda, o efeito dramático de naturalizar a violência, de planificá-la, de torná-la uma moeda de troca, um patrimônio de todos. A violência converte-se, enfim, em linguagem de fácil entendimento. (SILVA, 2010, p. 152).

Continuando, a avaliação como já foi dita, é uma clara ironia, que o cartunista quer frisar mostrando que o *habitus* das instituições brasileiras no caso a Câmara dos deputados de São Paulo é conceder homenagens a policiais violentos e truculentos, assim como todas as outras instituições brasileiras. Fica implícito que a caveira além de trazer a mensagem do medo e da morte esconde o rosto de um interlocutor que não fala, não questiona, mas apenas obedece. Este é o soldado da ROTA. A caveira no lugar de um rosto é a metáfora do agente robotizado pelo sistema. A posição da flecha virado para o noroeste também merece ser analisada. Neste logo da ROTA usado por Lattuff na charge, não é possível visualizar a estrela na cor branca desenhada exatamente na direção da flecha, como é o caso do logo oficial da instituição. Cremos que isso quer nos dizer que a estrela é a dignidade que a “ROTA” persegue prendendo todos os criminosos que prejudicam o cidadão paulistano, uma vez que esse é o lema da ROTA: “Dignidade acima de tudo”.

A posição do indivíduo negro e de cara pro chão indica alinhamento com a teoria de Césare Lombroso que influenciou o código penal de 1940 que perdura atualmente no senso comum, pois está superado no meio científico. Ele postula através da Frenologia, isto é, dos estudos da morfologia de crânios de criminosos, que haveriam indivíduos pré-dispostos ao crime, sobretudo negros e mulatos sendo estes com “capacidade mental incompleta”, e, diante disso, eles deveriam se submeter a outras normas. Antônio Carlos Ferreira ao estudar a influência das ideias de Lombroso no código penal brasileiro de 1940, conclui que:

Entretanto, também verificou-se que a influência de Césare Lombroso não se limitou à doutrina brasileira, de forma que os conceitos trabalhados na obra “O Homem Delinquente”, estiveram presentes em diversos institutos do Código Penal de 1940. Ocorre que no Brasil a questão do criminoso nato foi tratada de forma diversa, recebendo contornos raciais e sendo utilizada para afastar inimigos do regime. (FERREIRA, 2010, p. 79).

Em resumo buscava-se antes de tudo combater e isolar todos os “inimigos” do “Estado novo”, não importando se fossem brancos, negros, nativos, ou simplesmente oposicionistas. E claro fundamentar a inferioridade dos negros. Acontece que essa questão era oriunda de um contexto particular de um período turbulento da História do Brasil. Atualmente vivemos no chamado Estado democrático de direito, onde os direitos estão assegurados pela Carta magna de 1988, pelo menos na teoria. A charge mostra que a prática do contexto atual é bem diferente da teoria, e deixa claro o anacronismo da legislação penal.

É preciso voltar um pouco mais no tempo para entender a questão. Com a emergência dos estudos sobre a raça no século XIX vão surgir duas correntes que vão debater a origem das raças: o monogenismo e o poligenismo. O primeiro de influência cristã pregava que o homem teria surgido de uma fonte comum, logo os diferentes seres humanos nada mais seriam que anomalias da perfeição do Éden. A segunda versão com um caráter mais “racional” dizia que houve não um só lugar de criação mais vários, correspondendo assim às diferenças raciais existentes. (SCHWARCZ, 1995, p. 49).

O poligenismo acabou se destacando como vencedor nesse debate e permitiu uma interpretação biológica do comportamento humano, entendidos como resultados de leis da biologia e da natureza. Deste modo abrindo espaço para estimular a já falada Frenologia e a antropometria. Sendo a segunda ideias que entendiam a capacidade humana por meio da morfologia craniana dos diferentes grupos étnicos. Ganha impulso um método determinista que se dizia observador da natureza biológica da conduta do criminoso. Nascia a antropologia criminal sendo seu maior propagador o italiano Césare Lombroso que postulava o crime ser

físico e hereditário e deste modo podendo ser encontrado nas diferentes sociedades, sobretudo as africanas. (SCHWARCZ, 1995, p. 50). Estava pronto o respaldo para marginalizar o negro na sociedade brasileira. Não é por acaso que o Código penal brasileiro se guiou pela antropologia criminal de Lombroso.

O negro fica assim numa condição permanente de suspeito e que precisa ser vigiado sobre isso novamente recorrendo a Silva em seu estudo sobre os malandros em contato com a polícia fala que: “Sugerir que o negro se encontra em *permanente estado de suspeição* nas ações policiais seria apenas um retrato entre tantos estereótipos que povoam o universo simbólico do preconceito racial. Um retrato que, no entanto, pode ser extremamente revelador quanto às preferências do sistema penal.” (SILVA, 2010, p.142). O personagem negro descalço já abordado também traz uma representação histórica interessante: o calçado como diferenciador social. Como diz Alencastro o escravo: “[...] podia ter meios para vestir calças bem-postas, paletó de veludo, portar relógio de algibeira, anel com pedra, chapéu-coco e até fumar charuto em vez de cachimbo. Mas tinha de andar descalço. Nem com tamancos, nem com sandálias. De pé no chão. Para deixar bem exposto o estigma indisfarçável de seu estatuto de escravo” (ALENCASTRO, 1997, p. 79). Na imagem essa referência histórica é usada nesse sentido social como algo significante na imagem. Em outras palavras um jovem negro sem calçado morto numa posição de submissão como um escravo.

Silva em seu artigo ainda aborda as prisões para “averiguação” comum até a década de 40 no século passado. Só que aqui o cartunista com a imagem do indivíduo negro e de cara para o sangue, mostra mais uma vez um *habitus* da polícia que são as execuções sumárias, sem respeitar os direitos individuais do suposto suspeito.

## ANÁLISE TEXTUAL

A frase já foi analisada, e ficou claro a ironia que o autor quer passar ao escrever “Por relevantes serviços prestados” a frase não pode ser analisada fora da imagem: o policial ali representado por ter matado várias pessoas inocentes de forma violenta e sem punição está sendo agraciado com uma homenagem do estado brasileiro, logo reforça o estereótipo de que o policial bom e competente é o que tortura e mata e não o que cumpre sua função respeitando os direitos humanos. A charge ao ironizar busca mostrar como o estado brasileiro é conivente com essa prática. A legenda embaixo do braço do policial retratado que é a assinatura do

cartunista que diz “Latuff 2013” que parece estar num primeiro momento fora de análise, porém ela é reveladora do pensamento do autor e sua visão de mundo no contexto de 2013, ano de vários protestos pelo país. Assim vemos a importância dos elementos textuais na imagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de tudo precisamos nos atentar para não cometermos três grandes equívocos quando se discute a polêmica: o primeiro, é reduzir todo o projeto da escola, ao *banner* em questão com a charge do artista Carlos Latuff. Seria agir de má-fé reduzir os outros vinte *banners* construídos pelos alunos. Sem contar as palestras e a discussão do livro “Vigiar e punir” do filósofo francês Michel Foucault durante o semestre.

Em segundo lugar, não podemos criar mesmo que sem a intenção, a imagem da polícia como criminosa, levando a uma generalização dos profissionais. E principalmente não devemos cair na dicotomia sem sentido: bem ou mal. Em outras palavras, “ou se está do lado da polícia ou do lado da escola”, assim como a escola a polícia é uma instituição estatal que acerta e erra e deve ser criticada, desde que não sejam ofensivas as instituições em questão. Tecer críticas a postura da polícia, não impede que denunciemos a morte de policiais, uma crítica não anula a outra.

Vimos que por trás da charge podemos descobrir vários discursos que o autor opera, podendo ser intencionais ou não. Ainda observamos algumas referências históricas como a SS e os pés descalços em que o cartunista buscou fazer uma analogia com os dias atuais no que concerne à violência policial. O artista mostrou ter uma veia crítica muito forte sobre os casos de violência policial, fazendo várias apreciações por meio de discursos e até deixando aberto para outras interpretações. A nossa análise obviamente partiu de uma subjetividade, por isso a imagem merece mais avaliações e leituras para podermos comparar e construir uma visão mais ampla dos significados presentes nela.

Os professores podem e devem abordar esse tema em sala de aula, e um projeto como esse que envolveu a escola é uma alternativa interessante. Quanto à imagem, fica claro na imagem do *banner* que a charge foi colocada de forma aleatória sem o mínimo da metodologia como por exemplo: a legenda de onde foi tirada a imagem. Sobretudo o fator mais negativo é a imagem não ter passado por uma análise mais profunda. A parte teórico-

metodológica obviamente seria de difícil compreensão para os alunos uma vez que estão ainda no ensino médio, logo isso caberia aos professores. Deveria se orientar os alunos na direção de analisar melhor a imagem antes de colocá-la no *banner*.

Sugerimos até mesmo que fosse feito uma oficina ou palestra em específico sobre charges, onde poderia ser convidado o artista Latuff, durante o andamento do projeto para explicar quais são suas concepções e inspirações na hora de construir suas charges e não apenas depois da polêmica ter repercutido. Ainda que não fosse possível trazer o artista naquele momento, os próprios professores poderiam em conjunto ministrar as palestras e oficinas, existe um bom material disponível para se trabalhar com os alunos na internet. É perigoso não dar um bom tratamento para as imagens, sobretudo essa em específico, pois são alunos com a cabeça em formação e uma ação dessas de incluir a imagem de forma aleatória pode gerar concepções equivocadas e erradas sobre a visão da polícia.

Pois como sabemos existe todo um contexto quando da publicação dessa imagem e principalmente devemos deixar claro que a charge nasce da subjetividade do autor diante de princípios, ideias, ideologias de seu meio social. Isso tudo deveria ter sido deixado claro aos alunos.

Destarte entender o ambiente em que ocorre a cena social retratada é sempre importante para localizar quem faz a leitura da imagem. No mesmo sentido, é notório mostrar como as formas geométricas colocadas sejam na foto, charge, caricatura ou outra linguagem visual nos dizem como o produtor da imagem coloca os atores ali reproduzidos e representados. E também analisar a perspectiva do autor da imagem analisando como estão postos o espaço e o corpo dos objetos, ou seja, direcionando para o mundo externo também a análise.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCASTRO, Felipe Luiz. Vida privada e ordem privada no Império. In: **História Da Vida Privada No Brasil (Volume 2)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DIÁRIO DE SOROCABA. **Carlos Latuff vem à Cidade para ato em favor da liberdade de expressão**. Disponível em: <http://www.diariodesorocaba.com.br/noticia/242623>. Acesso em: 20 jul. 2016.

FERREIRA, Antonio Carlos. **A Escola Positiva no Brasil: A Influência Da Obra “O Homem Delinquente”, De Cesare Lombroso, No Pensamento Penal e Criminológico Brasileiro entre 1900 e 1940**. 2010. 83 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Direito) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma.

LATUFF, Carlos. **Perfil no Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/realcarloslatuff/photos?pnref=lhc>. Acesso em: 15 jul. 2016.

LIEBEL, Vinícius. A Análise de Charges segundo o Método Documentário. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (org.). **Metodologias da Pesquisa Qualitativa em Educação - Teoria e Prática**. Vozes: Petrópolis, 2010.

LIEBEL, Vinícius. Entre Sentidos e Interpretações - Apontamentos sobre Análises Documentárias de Imagens. ETD. **Educação Temática Digital**, v. 12, p. 172-189, 2011.

LIEBEL, Vinícius. Reconstruindo Imagens - o método documentário de análise. In: XV Congresso Brasileiro de Sociologia, 2011, Curitiba. **Anais do XV Congresso Brasileiro de Sociologia**, realizado em Curitiba-PR, de 26 a 29 de julho de 2011, 2011.

POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO. **ESCLARECIMENTO E REPÚDIO**. Disponível em: <http://policiamilitardesaopaulo.blogspot.com.br/2015/09/esclarecimento-e-repudio.html>. Acesso em: 15 jul. 2016.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Uma história de “diferenças e desigualdades”. As doutrinas raciais do século XIX. In: **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

SILVA, Daniele Barros Macedo. **A charge em sala de aula**. 2005. (Curso de curta duração ministrado/Outra).

SILVEIRA, Fabiano Augusto Martins. O malandro nos contatos com a polícia: identidade e seletividade racial do sistema penal na discografia de Bezerra da Silva. **Revista Liberdades**, v. 5, 2010.

SITE G1.COM. **Trabalho escolar questiona ação da PM: “Grande problema na atualidade”**. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba->

[jundiai/noticia/2015/09/trabalho-escolar-questionacao-da-pm-grande-problema-na-Atualidade.html](http://jundiai/noticia/2015/09/trabalho-escolar-questionacao-da-pm-grande-problema-na-Atualidade.html). Acesso em: 12 out. 2015.

\*\*\*

Artigo recebido em dezembro de 2016. Aprovado em fevereiro de 2017.